

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 8 556

Título: "O JOVEM REI"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): WILDE, OSCAR

Adaptador: PINHÃO, LUÍS

Realizador: GUSMÃO, FERNANDO

Locutor: 0

Data de produção: 20/12/1976

Data de Emissão: 27/12/1976

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
JOSEFINA SILVA	MARQUESA
RUI DE CARVALHO	CONDE
JOÃO PERRY	JOVEM
BRANCO ALVES	TECELÃO
FERNANDA ALVES	MORTE
TRENE BRUJ	AVAREZA
JOSÉ BRÁS	VOZ
AUGUSTO LEAL	HOMEM
JULIO BLETU	GUARDA
RUI FURTADO	BISPO

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

M. Pais

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIR. ARTÍSTICA - FERNANDO GUSMÃO

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa *Miniteatro "O jovem Rei"* Referência } N.º/R.P.L.
N.º S.P.P.

Episódio N.º Datas } da gravação *27* de *Dezembro* de *1976* às *10,30* horas.
da 1.ª emissão de de *19* Programa

Director artístico *Fernando Furtado*
Fernando Furtado

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Josefina Silva</i>	<i>Marguesa</i>	<i>Josefina Silva</i>
<i>Gui de Cavalho</i>	<i>Conde</i>	<i>Gui de Cavalho</i>
<i>João Perry</i>	<i>Jovem</i>	<i>João Perry</i>
<i>Orlando Alves</i>	<i>Tecelão</i>	<i>Orlando Alves</i>
<i>Fernanda Alves</i>	<i>Morte</i>	<i>Fernanda Alves</i>
<i>Inese Cruz</i>	<i>Avanço</i>	<i>Inese Cruz</i>
<i>Jose Brás</i>	<i>Saz</i>	<i>Jose Brás</i>
<i>Augusto Real</i>	<i>Homem</i>	<i>Augusto Real</i>
<i>Pilão Neto</i>	<i>Luanda</i>	<i>Pilão Neto</i>
<i>Rui Vazgado</i>	<i>Bispo</i>	<i>Rui Vazgado</i>
<i>Augusto Real</i>	<i>Homem</i>	<i>Augusto Real</i>

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Amorizador Horácio Gouzaga

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, *27* de *Dezembro* de *1976*

MINI - TEATRO

4ª feira às 10h
S. Morais
Senhorizem

grac. 21/12
27/12.76

O JOVEM REI

300	PROGRAMA
20/12/76	ISSA: DE - / - / -
PEDIDO DE GRAVAÇÃO	HORAS
A GRAVAR EM 27/12/76	Visto
HORA 10.30	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

Um conto de
OSCAR WILDE

Numa adaptação de
LUIS PINHAO

P e r s o n a g e n s

- | | |
|-------------------|----------|
| Josefine Silva | MARQUESA |
| Fernando Couvalho | CONDE |
| João Perry | JOVEM |
| Francisco Alves | TECELAO |
| Fernanda Alves | MORTE |
| Jane Cruz | AVAREZA |
| João Souza | VOZ |
| Augusto Real | HOMEM |
| Julio Cloto | GUARDA |
| João Augusto | BISPO |

original

OSCAR WILDE, Oscar Fingall O'Flahertie Wills Wilde nasceu em Dublin, na Irlanda, a 15 de Outubro de 1856. Faz os primeiros estudos no Portora Royal School de Enniskillen, depois entra na Universidade de Dublin, onde ganha a medalha de ouro Berkeley com um ensaio sobre os poetas cómicos gregos. Em 1874 vai para a Universidade de Oxford, onde acaba o seu curso em 1877. Visita a Itália e a Grécia. É em Oxford que o seu génio se principia a revelar. As suas obras desse período foram publicadas em Londres em 1882 sob o título "Poems by Oscar Wilde" (Poemas de Oscar Wilde). Contratado para fazer uma série de conferências nos Estados Unidos, passa um ano a viajar pela América do Norte. Em 1883 regressa a Londres. Visita Paris e liga-se aos círculos intelectuais franceses. Em 1884, casa com Constance Lloyd e é em 1888 que a sua carreira literária se inicia verdadeiramente com o livro "The Happy Prince and other Tales" (O Príncipe Feliz e Outros Contos). Seguem-se "Lord Arthur Savile's Crime and other Stories" (O Crime de Lord Artur Savile e Outras Histórias) e "The Picture of Dorian Gray (O Retrato de Dorian Gray), uma das suas mais perfeitas obras e o seu único romance. Em 1891 representa-se em Nova Iorque a sua primeira peça, "The Duchess of Padua", e em 1893 publica, em francês, "Salomé", peça que a censura inglesa não deixou representar. É talvez como dramaturgo - "Lady Windermere's Fan" (O Leque de Lady Windermere), "A Woman of no Importance" (Uma Mulher Sem Importância), "An Ideal Husband" (Um Marido Ideal) e "The Importance of Being Earnest" (A Importância de ser Constante) - que Oscar Wilde goza de maior reputação em Inglaterra. Escritor brilhante, excêntrico e avançado, causando perturbações nos meios conservadores da sua época Oscar Wilde não hesita em declarar guerra às convenções para cumprir a sua missão de artista, tornando-se uma das personalidades mais marcantes da literatura inglesa. A sua obra que, como nenhuma outra, retrata a atmosfera ruidosa e efervescente do "fin-de-siècle", atrai pela elegância do estilo e a coragem dos temas. Viver - dizia ele - é a coisa mais rara do mundo; a maior parte das pessoas não fazem mais do que existir. Também não foi insensível às ideias políticas mais adiantadas daquela grande época, em choque com o rizejá de princípios do imperialismo britânico. Mostram-no as suas reflexões sobre o Socialismo, malgrado o aspecto meramente pitoresco de algumas ideias aleatórias, a que era impelido pelo gosto, entre voluptuoso e gratuito, do paradoxo pelo paradoxo. Em 1895 move um processo de difamação contra o marquês de Queensbury, de que resulta ser, por sua vez, acusado. A 27 de Maio de 1895 é condenado a trabalhos forçados durante dois anos. A sociedade puritana inglesa - puritana e hipócrita - atirando Oscar Wilde para o cárcere, abandonando-o à própria sorte e banindo-o do seu convívio, vingava-se daquele que a satirizou com tanta graça e

talento. Depois de cumprir a pena, sai de Inglaterra para sempre. Reside em França, na Itália, e acaba por se fixar em Paris, onde é conhecido sob o nome de Sébastien Melmoth. Vive modestamente em pequenos hotéis e casas mobiladas e morre com uma meningite, a 30 de Novembro de 1900. O pouco que produziu após a saída da prisão é mais do que suficiente para lhe garantir a imortalidade. "A Balada do Cárcere de Reading" e o "De Profundis" - esse grito angustioso de alguém que já transpôs uma vida e aguarda os seus últimos dias num abandono comovente e humilde - constituem gritos que ressoarão eternamente na sensibilidade dos homens. "Deixava-nos herança de rei", diz Albert Camus referindo-se a essas duas obras. Na verdade, "De Profundis" e "A Balada do Cárcere de Reading" são as obras-primas de Oscar Wilde. Mas o Oscar Wilde dos pequenos apólogos e das poéticas histórias de que temos excelente modelo em "O Jovem Rei" (The Young King), foi sem dúvida, aquele que maior popularidade alcançou. Poucos amigos acompanharam ao cemitério de Bagneux, onde repousa, aquele que foi durante parte da sua vida um dos homens mais célebres de Inglaterra.

Lx. 29/9/976

A MÚSICA INICIAL - TALVEZ O MESMO TEMA DO FECHO - VEM A PRIMEIRO PLANO E DILUI-
-SE ATÉ DESAPARECER - UM TEMPO

Take 1

MARQUESA

Afastada da corte pela pertinaz doença que me reteve no leito durante tanto tempo, mal tomei conhecimento do nefasto acontecimento que enlutou a nossa querida pátria. Assim, pergunto-vos, senhor conde, se é verdade o que se diz à boca pequena; que o nosso actual soberano andava na floresta, descalço, a tocar flauta, enquanto conduzia o rebanho do cabreiro que o criou e de quem se julgava filho?

CONDE

Assim é, senhora marquesa! O nosso jovem rei, ~~pois tem apenas dezanove anos,~~ nasceu da filha única do nosso falecido monarca, casada secretamente com alguém de origem muito inferior à sua - um estrangeiro, dizem, que se fez amar pela jovem princesa graças à sua maravilhosa e mágica maneira de tocar o alaúde; outros falam de um artista de Rimini, a quem a princesa tinha feito muita honra, talvez demasiada, e que desapareceu súbitamente da cidade, ~~deixando incompleto o trabalho que executava na Catedral.~~

MARQUESA

Eu sei, senhor conde, eu sei! Lembro-me muito bem dessa época agitada. Só não sabia que a princesa havia deixado um filho.

CONDE

Filho esse que, quando contava apenas uma semana de idade, foi arrancado do lado da mãe, enquanto esta dormia, e entregue aos cuidados dum casal de camponeses sem descendência, ~~habitantes dum lugar que fica na remota floresta, distante cerca de vinte e quatro horas de jornada.~~ A princesa morreu logo ao despertar, de dor ou de peste, segundo o físico da corte, ou pela acção dum subtilíssimo veneno italiano, ~~administrado num copo de vinho temperado,~~ conforme insinuam outros. Quando o portador da criança, escudeiro fiel que levava o menino ~~atravessado no arço da sua sola,~~ se apeou do cavalo estafado e bateu à porta da cabana do pastor, o cadáver da jovem princesa baixava à ~~mesma~~ cova dum cemitério isolado, fora das portas da cidade, ~~onde se diz que já repousava outro corpo, e de um rapaz de peregrina beleza, cujas mãos haviam sido atadas atrás das costas e cujo peito estava retalhado de muitas feridas rubras.~~ Tal, pelo menos, a história que o povo tenta recordar. O certo é que o nosso velho rei, ou

de novos deuses; que doutra vez esteve afastado durante horas, sem que ninguém soubesse do seu paradeiro, até que o foram descobrir, depois de buscas porfiadas, num dos torreões setentrionais do palácio, extasiado defronte duma jóia grega esculpida, que representava a figura de Adónis. E foi visto ainda, a dar crédito ao que me disseram, poisando os lábios ardentes na fronte de mármore duma estátua antiga, encontrada no leito do rio quando da construção duma ponte de pedra, e na qual se lia, inscrito, o nome do escravo bitínio de Adriano.

CONDE

Certíssimo, senhora marquesa! Uma noite inteira passou ele deslumbrado com o efeito do luar numa imagem de prata de Endimião. ~~A verdade é que o fascinam todas as matérias raras e preciosas e, na ânsia de as obter, despachou já muitos mercadores, uns para junto da rude população piscatória dos mares do Norte, onde há o tráfico do âmbar, outros para o Egipto, em busca dessa estranha turquesa verde que só se encontra nos túmulos dos faraós e dizem possuir propriedades mágicas, outros para a Pérsia, a fim de comprarem tapetes de seda e vasos pintados, e outros para a Índia, onde deverão adquirir gazas e mármore de cor, pedras opalinas, pau de sândalo, esmaltes azuis e xales de lã finíssima.~~

MARQUESA

É então esse o nosso novo rei, o nosso novo monarca... O retrato é maravilhoso! Porém, corresponderá ele à realidade?

CONDE

Porque o não verificais com os vossos próprios olhos, senhora marquesa?

MARQUESA

Impossível, senhor conde, impossível! Como posso eu, uma pobre velha entrevada.

CONDE

Poderíeis, talvez, embora com um certo sacrifício, assistir ao cerimonial da coroação.

MARQUESA

Não, senhor conde! A minha presença só causaria transtornos. Além disso, não quero que a corte veja os estragos que o tempo, esse implacável inimigo, tem produzido em mim. Mas conto com a vossa generosidade, senhor conde! Sim, tenho a

certeza de que, logo que vos seja possível, vireis descrever-me como decorreu a cerimónia...

← *Musica* → Take 2

S E P A R A D O R

CONDE

Como vos havia prometido, senhora marquesa, aqui estou.

MARQUESA

Esperava-vos com impaciência... O que se passa, senhor conde? Há qualquer coisa na vossa expressão... O brilho do vosso olhar é diferente...

CONDE

É que acabo de assistir a sucessos, senhora marquesa, que ultrapassam o meu entendimento.

MARQUESA

Que quereis dizer?

CONDE

Quando esta manhã, ~~acompanhado de alguns pajens,~~ entrei nos aposentos reais, o nosso jovem rei acabava de despertar. (GOLPE MUSICAL) → *Musica*

JOVEM

Quem está aí?

CONDE

Sou eu, Senhor, o vosso camarista, ~~e estas senhoras que vos trazem algo.~~

JOVEM

Ah, sois vós? Entrai!

CONDE

Senhor, aproxima-se o grande momento... Mas que tendes? Não vos sentis bem?

JOVEM

Tive um sonho mau, Conde!

CONDE

Um sonho mau?!

JOVEM

Sim, Conde! Ou melhor, três, três sonhos terríveis...

CONDE

Não vos deixeis acabrunhar por quimeras, Senhor! Hoje é o dia da vossa coroação. Admirai ^{estas} as maravilhosas peças que compõem a vossa indumentária deste dia glorioso. ~~Senhores, aproximai-vos, para que Sua Alteza possa ver essas maravilhas!~~

JOVEM

Sim, não há dúvida de que são belas essas coisas, mais belas do que tudo o que eu até hoje vi. Mas levai-as daqui, pois não as usarei.

CONDE

Estais a brincar, Senhor!

JOVEM

Não, Conde! Levai essas coisas e ocultai-as da minha vista. Embora seja hoje o dia da minha coroação, não envergarei esse fato, que foi tecido no tear da tristeza, pelas mãos brancas da dor. Há sangue no coração do rubi, morte no âmago da pérola: não usarei coroa nem ceptro.

CONDE

Mas porquê, Senhor?!

JOVEM

Já vos disse que tive três sonhos terríveis.

CONDE

E por causa desses sonhos...

JOVEM

Sim, por causa desses sonhos, Conde, compreendi... Mas deixai que vo-los conte.

CONDE

Se é esse o vosso desejo, Senhor, escutar-vos-ei!

JOVEM

Como sabeis, Conde, o que me trouxe mais ocupado nos últimos tempos...

CONDE

Foi, sem sombra de dúvida, Senhor, o traje que deveríeis envergar, hoje, dia da vossa coroação.

JOVEM

Fato de oiro tecido...

CONDE

Coroa cravejada de rubis...

JOVEM

Cetro com aros e fiadas de pérolas...

CONDE

~~Em suma, o maravilhoso conjunto que acabamos de vos apresentar. Só não compreendo, Senhor, porque repelis aquelas maravilhas, se fostes vós próprio, logo que foram aprovados os desenhos, feitos pelos mais famosos artistas, e que vos tinham sido submetidos,~~ quem deu ordem para que os mestres e oficiais trabalhassem noite e dia e que se percorressem todos os países em busca de jóias que fossem dignas de figurar no adereço real.

JOVEM

Pois era nisso, realmente, que eu pensava ontem à noite, ao ficar só, ~~reclinado no leito e observando a acia de pinho que ardia no fogão.~~ Sim, Conde, via-me já no altar-mor da Catedral, no meu belo traje de soberano, e, ao pensar em tais coisas, experimentava um prazer infinito. ~~Lá fora, avultava a imensa cúpula da Catedral, luzindo como uma bolha enorme acima das casas indefinidas. Mais longe, no pomar, cantava um rouxinol. Através da janela aberta entrava um vago aroma de jasmim.~~ Passado algum tempo pesaram-me as pálpebras, invadiu-me uma estranha lassidão. Nunca antes sentira, nem com tão vivo e apurado gosto, a magia e o mistério das coisas belas. ^{12 horas das 12 horas da Catedral} Pouco depois de ter soado a meia-noite no relógio da torre, adormeci. Sonhei durante o sono, e eis o que foi o meu sonho: encontrava-me num sótão comprido e baixo, entre o zumbido e o estardalhaço de muitos teares. (COMEÇA A SURGIR, EM FUNDO, O RUÍDO DOS TEARES EM PLENA LABORAÇÃO) Pela

janelas gradeadas espreitava a luz pálida do dia, mostrando-me o rosto magro dos tecelões que se curvavam no trabalho. Sob vigas-mestras agachavam-se crianças macilentas, de ar doentio. Quando as lançadeiras saltavam através da urdidura, estes pequeninos operários levantavam os pesados sarrafos e, quando as lançadeiras paravam, eles deixavam cair os sarrafos e apertavam os fios. Que rostos reveladores de fome, que trémulos dedos enfezados! Sentadas a uma das mesas, cosiam mulheres de cara encovada. Enchia o compartimento um cheiro nauseabundo, tornando o ar compacto e insuportável. As paredes escorriam humidade. ↑ Aproximei-me de cada um dos tecelões, parando e observando. Um deles fitou-me zangado e perguntou... (O RUÍDO DOS TEARES, EMBORA MANTENDO-SE EM FUNDO, SOBE A SEGUNDO PLANO)

Take 3

TECELÃO

Por que me estais a espiar? Foi o nosso patrão que vos mandou?

JOVEM

Quem é o teu patrão?

TECELÃO

~~XXXXXXXXXX~~ É um homem como eu. Para falar verdade só existe uma diferença entre nós: ele usa trajes opulentos e eu ando andrajoso; enquanto passo fome, ele sofre de fartura.

JOVEM

A terra é livre e tu não és escravo de ninguém.

TECELÃO

Na guerra, os fortes escravizam os fracos e, na paz, os ricos escravizam os pobres. Precisamos de trabalhar para viver, e eles dão-nos salários tão mesquinho que nos é impossível subsistir. Moirejamos para eles todo o santo dia, e ei-los que amontoam oiro nos seus cofres, e os nossos filhos definham prematuramente, e as faces dos que amamos tornam-se duras e velhas. Pisamos as uvas e os outros é que bebem o vinho. Ceifamos o trigo e temos a mesa sem pão. Andamos acorrentados, embora ninguém veja as correntes. Sim, continuamos escravos, embora os homens digam que somos livres.

JOVEM

E sucede assim com todos?

TECELÃO

Com todos! Tanto com o jovem como com o velho, tanto com a mulher como com o homem, tanto com a criança como com aquele que está carregado de anos. Os mercados oprimem-nos e nós temos de sujeitar-nos. Cavalgando, passa o cura junto de nós, a desfiar o seu rosário, mas ninguém se preocupa connosco. Através das nossas vielas sombrias arrasta-se a Pobreza de olhos famélicos, e o Pecado, de rosto alvar, segue-lhe as pisadas. De manhã acorda-nos a Miséria, e a Ignomínia com partilha, à noite, o nosso leito. Mas que vos importam estas coisas? NÃO sois dos nossos; a vossa face respira felicidade.

JOVEM

De que substância é esse fio com que estás a trabalhar?

TECELÃO

É de ôiro puro.

JOVEM

A que se destina o que estás a tecer?

TECELÃO

A confecção do traje que o nosso jovem rei deverá usar durante a cerimónia...

JOVEM - NUM GRITO QUE O ECO REPERCUTE

Eco
acorda

Não!... (UM TEMPO) Assim, Conde, despertei. Através da janela descobri uma Lua enorme, cor de mel, suspensa no ar torvo. E outra vez adormeci e sonhei, e eis o que o meu sonho foi: (COMEÇA A SURGIR, EM FUNDO, UM AMBIENTE MARÍTIMO) Estava no convés duma galera muito grande, na qual remavam ~~em~~ escravos. A meu lado, sobre um tapete, ia sentado o arrais ~~negro como o ébano~~ de turbante de seda carmesim. Os escravos tinham apenas a cobri-los uma tanga esfarrapada e cada um deles estava preso por uma corrente ao seu companheiro. A luz do Sol batia-lhes em cheio: cá e lá andavam vários ~~pretos~~ *homens* munidos de chicote, com que fustigavam os remadores, e estes distendiam os braços esqueléticos, lutando contra a água. Chegamos por fim a uma pequena enseada e começaram a fazer sondagens. Logo que soltaram a âncora e arrearam a vela, os ~~pretos~~ *homens* desceram ao porão e trouxeram uma longa esca da de corda, lastrada de chumbo. O arrais deitou-a pela borda, atando solidamente as pontas a duas escoras de ferro. Então os ~~pretos~~ *homens* agarraram o mais novo dos escravos, tiraram-lhe os grilhões, encheram-lhe de cera as narinas e os ouvidos

Take H

LA CIANA

e ataram-lhe uma pedra grossa à cintura: o ~~homem~~ ^{homem} desceu devagar a escada e desapareceu no mar, surgindo logo bolhas à superfície, no sítio em que ele mergulhara. Passou-se um bocado e o mergulhadon ^{homem} surgiu anelante da água e subiu a escada exibindo uma pérola na mão direita; os ~~pretos~~ ^{homens} apoderaram-se dela e obrigaram-no a descer de novo. Cada vez que o mergulhador voltava à superfície trazia uma lixada pérola na mão. O arrais verificava-lhes o peso e guardava-as num saquitol de couro. Reapareceu o mergulhador pela última vez, trazendo uma pérola mais bela do que todas as de Ormuz, pois tinha a forma da lua-cheia e era mais branca do que a estrela da manhã. Mas o rosto dele vinha extremamente pálido e, quando de cansou no convés, o sangue brotou-lhe dos ouvidos e das narinas; por instantes sacudiu-o um leve tremor, e depois ficou imóvel. Os ~~pretos~~ ^{homens} encolheram os ombros e atiraram o corpo pela borda fora. Riu-se o arrais, que avançou para tomar a pérola. Ao vê-la, apertou-a contra a fronte e curvou-se reverente. Há-de ser - declarou ele - para o ceptro do jovem rei. Quando ouvi isto dei um grito e acordei. (DESAPARECE O AMBIENTE MARÍTIMO) ^{Take 5} e vi através da janela os dedos foscos da auro-
ra a colherem as estrelas que se apagavam. E de novo adormeci, Conde, e sonhei, e eis o que o meu sonho foi: (COMEÇA A SURGIR, EM FUNDO, O AMBIENTE DA FLORESTA) ^{Take 6}
Vagueava pela orla duma floresta e aí vi uma grande quantidade de homens que trabalhavam no leito seco de um rio. Subiam e desciam o precipício como um carreiro de formigas. Uns abriam fundas covas no chão e metiam-se nelas; outros fendiam as rochas armados de picaretas. Outros, ainda, vasculhavam na areia. No negrume duma caverna estavam a espreitá-los a Morte e a Avareza. (GOLPE MUSICAL)

*Cena
Ambiente*

MORTE - SORNA
Avareza!

c/ o

Take 7

música concreta

AVAREZA

Que me queres, Morte?

MORTE

Já estou consada. Dá-me a terça parte desses homens e vou-me embora daqui.

AVAREZA

Nunca! São meus servos.

MORTE

Que tens na mão?

AVAREZA

Três grãos de trigo. Que te importa?

MORTE

Dá-me um deles.

AVAREZA

Para quê?

MORTE

Plantá-lo-ei no meu jardim.

AVAREZA

Não!

MORTE

Dá-me um só grão e eu vou-me embora daqui.

AVAREZA

Não te darei nenhum.

MORTE

Ah, não? (DÁ UMA GARGALHADA)

AVAREZA

Que estás a fazer?

MORTE

Não vês? Mergulho esta taça neste charco e da taça surgirá a Malária. Esta passará pelo meio da multidão e um terço desses homens tombará aniquilado. Olha!...

(GOLPE MUSICAL QUE DÊ, TANTO QUANTO POSSÍVEL, A IDEIA DO TEXTO - UM TEMPO)

AVAREZA - CARPINDO

Mataste um terço dos meus servos. Vai-te daqui, Morte! Há guerra nas montanhas da Tartária, e os reis de ambos os lados chamam por ti. Os afegãos mataram o boi preto e marcham para o campo de batalha. Tangeram os escudos com as lanças e enfiaram os elmos de ferro. Que significa o meu vale para ti, para que te demores tanto tempo nele? Parte, e nunca mais voltas.

Caro

música concreta
Take 8

MORTE

Não irei sem que me dês um grão de trigo.

AVAREZA

Não te darei nada.

MORTE

Está bem! Vês esta pedra escura?

AVAREZA

Vejo.

MORTE

Atirá-la-ei para a floresta, e da espessura bravia dos abetos sairá a Febre vestida de fogo. Ela passará pelo meio da multidão, e morrerá cada homem em que ela tocar.

AVAREZA

Não o farás!

MORTE

Tu o verás! (DÁ UMA GARGALHADA - GOLPE MUSICAL QUE DÊ, TANTO QUANTO POSSÍVEL, A IDEIA DO TEXTO - UM TEMPO)

AVAREZA

Es cruel! Cruelíssima! Há fome nas cidades muradas da Índia e estão secas as cisternas de Samarcanda. Há fome nas cidades muradas do Egipto e os gafanhotos invadiram-nas, vindos do deserto. O Nilo não alagou as suas margens e os sacerdotes amaldiçoarem Isis e Osíris. Vai para junto daqueles que precisam de ti e deixa-me em paz com os meus servos.

MORTE

Não, sem que me dês um grão de trigo.

AVAREZA

Não te darei nada.

Es

Take 9

JOVEM - NUM GRITO QUE O ECO REPERCUTE

Take 11

Casa
eco
Não!... (PAUSA - SILÊNCIO ABSOLUTO) ↑ Sim, Conde, olhei no espelho e, vendo o meu próprio rosto, soltei um grito e acordei. ~~O Sol brilhante inundava-me e alcova, e nas árvores do jardim os passaros cantavam.~~ (PAUSA) Foram assim os sonhos que eu sonhei. Compreendeis, agora, Conde, a razão por que recuso usar essas coisas?

CONDE

Embora, Senhor, respeite os vossos sentimentos, não posso, de maneira nenhuma, aceitar os vossos escrúpulos. Pois que é um sonho senão um sonho? Uma visão não passa duma visão. Não são coisas reais, a que se dê importância. Que temos com a existência dos que trabalham para nós? Acaso precisamos de ver o sementeiro para podermos comer pão? Temos porventura de falar com o vinhateiro para que possamos tomar vinho? Não! Portanto, Senhor, rogo-vos que ponhais de parte esses negros pensamentos, que envergueis o vosso esplêndido fato e que cinjais a fronte com esta bela coroa.

JOVEM

Os sonhos fizeram-me compreender a miséria que envolve esses preciosos adornos. Não! Não os usarei!

CONDE

Como há-de o povo saber que sois o rei, se não tendes vestida a indumentária real?

JOVEM

É deveras como dizeis? Não me reconhecerão como rei se eu não envergar a indumentária real?

CONDE

Não vos reconhecerão, Senhor!

JOVEM

Eu pensava que havia homens com aparência de rei... Mas talvez tenhais razão! No entanto, não usarei esse fato nem cingirei essa coroa. Tal como vim para o palácio, assim sairei dele. Portanto, o meu fato será a túnica de couro; o meu manto, o capote grosseiro de pele de cabra; o meu ceptro, o rude cajado de pastor.

CONDE

Falta-vos, porém, uma coisa, Senhor! Sim, tendes o vestido e o ceptro, mas onde está a coroa?

JOVEM

Ah, a coroa?... Ali! Cortarei um ramo da roseira brava que sobe até à varanda, enrolá-lo-ei e põ-lo-ei na cabeça. Como vedes, Conde, coroa também já tenho.

S E P A R A D O R

Minúcia

AMBIENTE EXTERIOR - RUIDO DE MULTIDÃO - TROTE DE CAVALO QUE SE APROXIMA

Ruido da multidão Take 12

HOMEM

Olhai!... É o bobo de el-rei. (RISOS) - UM TEMPO - PÁRA O RUIDO DO CAVALO, EMBO-
RA SE MANTENHA A SUA PRESENÇA)

GUARDA

Que quereis daqui?

JOVEM

Deixai-me passar! O bispo espera-me!

GUARDA

Por esta porta só o rei é que entra.

JOVEM

O rei sou eu. Afastai-vos!

GUARDA

Não recebemos ordens de ti.

HOMEM

O guarda tem razão. Por esta porta só o rei é que pode entrar.

JOVEM

Eu sou o próprio rei.

HOMEM

Vestido dessa maneira?!

JOVEM

Sim, embora vestido desta maneira não deixo de ser o vosso soberano.

HOMEM

Senhor, o povo aguardava o seu rei. Vós mostrais-lhes um mendigo. Porquê?

JOVEM

Esta noite tive três sonhos. Por eles fiquei a saber que o fato fora tecido no tear da tristeza, pelas mãos brancas da dor; que há sangue nos rubis da coroa; que há morte nas pérolas do ceptro.

HOMEM

E depois, Senhor? Hoje é dia de festa!

JOVEM

Há-de a alegria usar o que a dor fabricou?

HOMEM

Não sabeis, Senhor, que a existência dos pobres depende do luxo dos ricos? ~~+~~
~~vossa pompa alimenta-nos, os vossos vícios dão-nos saúde. É duro trabalhar para~~
~~um patrão, mas é mais duro ainda não ter patrão para quem trabalhar. Pensais qu~~
~~os cervos nos não de nutrir? Que remédio tendes para essas coisas? Dirais ao qu~~
~~compra: "o preço é este" e o mesmo imporeis ao vendedor? Não creio. Voltai, por~~
~~tanto, ao Paço, vesti a vossa púrpura e as vossas cambraias finas. Que vos im-~~
portam a nossa condição e os nossos sofrimentos?

JOVEM

Os ricos e os pobres não são irmãos?

HOMEM

São e o nome do irmão rico é Caim. (GOLPE MUSICAL)

CONDE

Maria Vaz
Senhores, é mister que tomemos uma decisão. Aquele rapaz enche de opróbrio o

nosso país. Acho-o indigno de ser monarca. Portanto, só temos uma coisa a fazer: entrar na Catedral e reduzi-lo ao silêncio. Vamos, senhores! Não percamos tempo!

S E P A R A D O R

Música
Catedral

Take 13

JOVEM

Porque vos mostrais tão admirado, senhor bispo?

BISPO

Meu filho, é esse o vestuário dum rei?

JOVEM

Este é o meu vestuário.

BISPO

E com que coroa vos hei-de coroar, e que ceptro vos porei na mão? Este dia devia ser de júbilo para vós, e não de vergonha.

JOVEM

Há-de a Alegria usar o que a Dor fabricou?

BISPO

Que quereis dizer?

JOVEM

Esta noite tive três sonhos. Por eles fiquei a saber que o fato fora tecido no tear da tristeza, pelas mãos brancas da dor; que há sangue nos rubis da coroa; que há morte nas pérolas da coroa. Sim, os sonhos fizeram-me compreender a miséria que envolve esses preciosos adornos.

BISPO

Meu filho, sou um velho, já no inverno dos meus dias, e sei que neste vasto mundo se fazem muitas coisas nocivas. Das montanhas descem ladrões ferozes para robar crianças, que vão vender aos Mouros. Os leões esperam as caravanas e devoram os camelos, o javali desarreiga o trigo do vale, as raposas roem as vinhas nas encostas, os piratas devastam o litoral e incendiam os barcos dos pescadores, depois de lhes tirarem as redes. Os leprosos vivem nas lagoas salinas, têm

casas de junco e ninguém se lhes pode aproximar; os mendigos vagueiam pelas cidades e comem com os cães. Podeis impedir que tudo isto aconteça? ~~Quereis deitar e lásero na vossa cama e sentar o pedinte à vossa mesa? Cumprirá o leão as vossas ordens? Obedecer-vos é o javali? Aquela que fez a miséria não será mais sábio que vós?~~ Não vos louvo pela vossa acção, e mando-vos que volteis ao Paço; comporeis um rosto alegre, vestireis os trajes reais, e eu vos cingirei a coroa de oiro e vos colocarei na mão o ceptro de pérolas. E quanto aos vossos sonhos, não penseis mais neles. O peso deste mundo é demasiadamente grande para que um só homem o suporte, e as tristezas do mundo excessivamente pesadas para que as sofra um só coração.

JOVEM

Dizeis isso nesta casa? (RUMOR DUM TUMULTO - PASSOS QUE SE APROXIMAM)

CONDE

Onde está o sonhador de sonhos? Onde está esse rei que se veste de pedinte, esse rapaz que lança a humilhação no país? Havemos de o matar, pois não é digno de reinar sobre nós! [↑] (GOLPE MUSICAL - UM TEMPO - SILENCIO PROFUNDO) Foi então que se passou qualquer coisa de maravilhoso, senhora marquesa! O jovem rei que havia ultrapassado o prelado e subira os degraus do altar, permanecia diante da imagem de Cristo. Estava diante da imagem de Cristo, e tinha à direita e à esquerda os maravilhosos vasos de oiro, o cálice de vinho e a gálheta com os santos óleos. Ajoelhou perante aquela imagem, ~~enquanto os cirios enormes ardiam esplendorosamente junto do sacrário engastado de jóias e o fumo do incenso subia em volutas azuis pela abóbada.~~ Inclinou a cabeça em oração, e os padres afastaram-se do altar, ~~envoltos nas suas capas rígidas de esprezes.~~ Quando acabou a sua oração, levantou-se e mirou-nos com tristeza, circunvagando a vista. E então, pelos vitrais das ogivas jorrou sobre ele a luz do Sol, e os raios luminosos teceram-lhe em redor um vestido mais belo do que aquele que fora talhado para seu deleite. O ramo seco floresceu e encheu-lhe a cabeça de rosas mais rubra do que rubis. Mais brancos do que finas pérolas eram os lírios, cujos caules pareciam de prata cintilante. Mais vermelhas do que rubis eram as rosas, cujas folhas se diriam de oiro batido. Ali ficou ele com traje de rei, e as portas do sacrário abriram-se, e no cristal de mil raios do ostentório brilhou uma luz maravilhosa e mística. Ali ficou ele com traje de rei, e a glória de Deus encheu a Catedral, enquanto nos seus nichos os santos pareciam mexer-se. Com traje de rei ali ficou ele diante de todos nós, e o órgão (SURGE, EM FUNDO, O SOM DO OR-

GÃO) entoou a sua música, e os trombeteiros (OUVEM-SE AS TROMBETAS) sopraram as suas trombetas e os meninos do coro cantaram. (SURGE UM CORO CELESTIAL - UM TEMPO) E o povo ajoelhou estarrecido, e os nobres embainharam as espadas e prestaram vassalagem, e o rosto do bispo empalideceu, e as mãos tremeram-lhe.

BISPO - NUM ARREBATAMENTO QUE O ECO REPERCUTE

Maior do que eu, outro vos coroou.

CONDE

Disse o bispo, prosternando-se. E o jovem rei desceu do altar-mor e seguiu para o palácio através da multidão. Mas ninguém se atreveu a contemplar-lhe a face, porque a sua face era como a de um anjo. (O CORO CELESTIAL VEM A PRIMEIRO PLANO E FUNDE-SE COM O FECHO)

F I N

Lx. 21/10/975